

DOSSIÊ BIOPOLÍTICA

[Escrever a partir daquilo que interessa dizer]

Ana Godoy*

* Doutora em Ciências Sociais (Ciência Política) pela PUC de São Paulo e pós-doutoranda na Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas, S.P. - Brasil. E-mail: ana.godoy@rocketmail.com

Organizar um dossiê é um trabalho, de saída, intelectualmente ambicioso. O que há nele de interessante é, precisamente, o que há de falho: um dossiê nunca está terminado, no sentido em que ele é, sempre, uma coleção parcial de artigos relativos a um assunto. Com certeza os artigos guardam uma relação entre si, mas esta relação se dá menos pelos artigos do que pelas falhas, pelas rachaduras que eles seguem. Por isso mesmo, aquele que se dedicou a juntar aquilo que selecionou como importante poderá parecer, aos olhos do leitor, um pouco excêntrico. Certamente porque poderiam ser outros os artigos, segundo critérios, também, outros. Ainda assim, é somente porque há um critério e porque a excentricidade dele se avizinha que este dossiê, afirmará seu caráter de coleção parcial sustentando a abertura à profusão de possíveis que um tema/assunto envolve, segundo o critério que preside sua montagem.

Assim, o critério, a ideia que norteia este dossiê que o leitor tem em mãos, é a de que os pesquisadores convidados escrevessem a partir daquilo que interessa, a cada um, dizer. A singularidade deste critério, em nada indiferente ao tema deste dossiê, reside na compreensão de que o próprio ato de escrever põe em jogo a relação entre vida e poder, pois escrever e viver rendido sob o domínio das instituições implica, necessariamente, que ambos encontrem nelas sua suficiência. Quero com isso colocar que a administração e o governo da vida explicitam-se em escritas igualmente administradas em relação às quais aquilo que interessa dizer se encontra submetido à máxima “o que não se pode falar deve se calar”, máxima que, de resto, corresponde ao fazer falar ininterrupto que nos atravessa e às instituições.

Escrever a partir daquilo que interessa dizer envolve, portanto, uma decisão política na qual estão implicadas as relações que cada um mantém consigo e com a realidade atual, decisão que exige assumir radicalmente a constituição de um *ethos*, uma atitude, que Foucault descreveu como uma crítica permanente de nossa era.

Assim, o convite feito aos pesquisadores que compõem este dossiê procura explicitar as muitas dimensões do embate entre vida e poder, mas, sobretudo, faz uma aposta nas muitas linhas que o atravessam e na violência do jogo que elas exprimem, aposta que consiste na invenção dos meios pelos quais se resiste a este e aquele regime de determinação imanente aos efeitos de poder.

Gerir a vida, seus muitos processos, e intensificar a potência vital submetendo-a é o que Foucault nos incita a problematizar no contexto biopolítico. De que maneira estamos à mercê da biopolítica? Que investimentos ela implica? Quais processos de vida ela visa? Quais formas de vida são aí produzidas? Como a vida ganha importância política? Quão longe podemos ir? O que mais há para dizer? E finalmente: o que, ainda, interessa dizer? São estas algumas das questões que exprimem o trabalho interrogativo que os diferentes artigos, aqui, reunidos, apresentam e percorrem.

Por outro lado, ao tomarem para si o convite aqui expresso, os pesquisadores convidados deixam entrever a partir de seus textos, de suas práticas, não somente a fabulosa quantidade de liberdade que foi subtraída do mundo, como nos lembra Nietzsche, mas, também, e principalmente, os modos pelos quais se leva, tão longe quanto possível, *o infinito trabalho da liberdade*.

É desta perspectiva que este dossiê foi concebido e dela que convido os leitores a percorrerem os doze artigos nele reunidos; perspectiva cuja única exigência é a de que, engajados no presente de nossa época, não nos sujeitemos a corresponder aos valores que ela enuncia, mas nos atrevamos a avaliá-la segundo o grau de liberdade que eles exprimem.

É desde aí que agradeço ao professor Marcos Reigota o generoso e desafiador convite para editar o dossiê deste número da Revista de Estudos Universitários; agradecimento que estendo a Nildo Avelino e aos dezesseis autores que trabalharam no limite de seu tempo pessoal para que este volume se concretizasse.

Desejo a todos uma leitura desafiante e que cada um possa encontrar neste dossiê alguma coisa pela qual não procurava...